

# ***Introdução à escrita criativa***<sup>1</sup>

**João de Mancelos**

**Um capítulo do livro**

**O que é e o que não é a Escrita Criativa**

## **1. Uma novidade antiga**

Desde o início do milénio que os cursos de Escrita Criativa, normalmente designados por *oficinas*, granjeiam uma popularidade cada vez maior junto do público português. Os aspirantes a escritores frequentam-nos em toda a parte: clubes, universidades, livrarias, bibliotecas, associações recreativas, ou *online*, através do ensino à distância que, hoje, as tecnologias da informação permitem.

Paralelamente, uma consulta rápida na Internet revela uma proliferação de páginas ou blogues nacionais associados a esta área. Usando o nome próprio ou um pseudónimo, os cibernautas afixam poemas, contos ou mesmo capítulos inteiros de livros em construção. Estes textos, primícias de escritores aprendizes, são comentados pelos seus pares, embora nem sempre de forma abalizada. Isto porque predominam as opiniões por vezes adadoras, noutras ocasiões sinceras, mas escasseiam os conselhos ou técnicas que permitam melhorar esses textos.

A popularidade da Escrita Criativa parece-me um fenómeno curioso, sobretudo porque nós, os Portugueses, não constituímos uma comunidade assídua de leitores. Costumo até dizer, a este propósito, que somos um país de poetas que não leem poesia. Como se justifica, então, este interesse súbito pela EC? Existem várias causas:

- a) O modismo: frequentar oficinas ou estágios de EC proporciona um convívio proveitoso e encorajador com indivíduos que se interessam pelos mesmos temas;
- b) O rápido êxito de alguns escritores da nova geração, que outros pretendem imitar, julgando que encontrarão nas oficinas as *receitas* em vez das técnicas de que necessitam;
- c) A aparente novidade das referidas oficinas.

Digo *aparente*, pois estes os cursos desde 1880 que existem na Harvard University,

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. *Introdução à Escrita Criativa*. Lisboa: Colibri, 1.ª ed. 2009; 2.ª ed. 2010; 3.ª ed. 2011; 4.ª ed. 2013; 5.ª ed. 2017. 142 pp. ISBN: 978-972-772-944-9.

multiplicando-se durante a década de trinta, altura em que surge o primeiro mestrado na área, na Iowa University (Vanderslice 37). Ou seja, esta disciplina foi incluída nos programas académicos há mais de uma centena de anos, pelo que só por ignorância se pode afirmar, como tantos fazem, que as oficinas constituem uma novidade.

Num plano informal, fora do contexto do ensino organizado, as oficinas de EC têm uma tradição ainda mais longa. Quase todos os movimentos literários organizaram, entre os seus membros, clubes de criação, leitura e debate de textos. Penso, por exemplo, nos Lake Poets, em Inglaterra, grupo que congregava os românticos Robert Southey, William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge e, ocasionalmente, Thomas De Quincey, todos a residirem na região dos Lagos; nos Dadaístas; nos Surrealistas (Morley 115); ou nos Modernistas portugueses, que contavam com Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, reunidos no Café Martinho da Arcada, em Lisboa, onde liam e comentavam os trabalhos literários.

Os grupos e clubes de poetas esboçavam em conjunto as linhas de novos movimentos, para agitarem as águas estagnadas da tradição, ou promoviam entre si uma saudável rivalidade. Por exemplo, em meados de junho de 1816, na Vila Diodati, em Genebra, Suíça, quatro escritores entretinham-se, desafiando-se mutuamente. Eram eles Lord Byron, o Dr. Polidori, Percy Shelley e Mary Wollstonecraft Shelley, que acompanhara Percy, numa fuga romântica para Itália. Serão após serão, estes escritores redigiam histórias fantasmagóricas. Foi nesse contexto que Mary, então com apenas dezoito anos, elaborou a sua narrativa mais conhecida: *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno* (1818) (Morley 119).

## **2. O que não é a Escrita Criativa?**

O que é, afinal, a Escrita Criativa? Ou, como eu prefiro perguntar, o que *não* é a EC? Existe no nosso país uma certa confusão ao redor da natureza dos cursos e oficinas. Tal imagem conduz a preconceitos contra esta área, motivados por desconhecimento. Convém, portanto, esclarecer o seguinte:

- a) Uma oficina bem concebida não visa transmitir receitas, mas sim *técnicas*;
- b) Não institui regras, mas antes incentiva à *experimentação* e ao desejo de inovar, mesmo que tal implique voltar as costas aos autores que influenciaram o aprendiz;
- c) Não promete êxito comercial, mas procura a *qualidade*, através da técnica, do trabalho árduo, da disciplina, da leitura de grandes obras do passado e presente;
- d) Não se restringe apenas a exercícios, como acontece quase sempre em Portugal, mas antes procura um equilíbrio entre a ampla teoria da EC e a prática.

Ao estabelecer estes opostos, estou já a esboçar um conceito desta disciplina, que não

é meramente pessoal, mas se encontra em qualquer livro especializado — e existem dezenas deles, em língua inglesa e francesa. Segundo estes, a EC consiste no estudo crítico, na transmissão e no exercício de *técnicas* utilizadas por escritores e ensaístas de diversas épocas e culturas, para a elaboração de textos literários (contos, novelas, romances, poemas, guiões, entre outros) ou não literários (artigos de jornal, reportagens, ensaios, etc.) (Mancelos 14).

### 3. É possível ensinar a escrever criativamente?

Numerosos cétricos erguem uma sobrancelha desconfiada em relação à possibilidade de se *ensinar* EC (Timbal-Duclaux 9-10). Afinal, lecionar esta disciplina não é o mesmo que ministrar Biologia, Matemática ou outra ciência exata. Por um lado, a literatura é uma arte e, como tal, é complexa e subjetiva; por outro, a apreensão das técnicas de pouco ou nada vale, se o estudante não possuir talento para a escrita, uma qualidade insubstituível. Estas condicionantes levaram David Lodge, autor e professor de EC, a afirmar: “Mesmo o mais sofisticado crítico literário apenas arranha a superfície do misterioso processo de criatividade” (Lodge 178).

Numa opinião semelhante, embora matizada, Nigel Watts defende que se pode ensinar o *ofício*, mas que a *arte* apenas se aprende. Por outras palavras, um escritor que conheça com alguma profundidade as técnicas e a mecânica da construção de um texto literário não produzirá necessariamente uma obra de qualidade (Watts 13). Esta constitui algo de mágico, indefinível, e depende do talento, das circunstâncias e até do acaso.

Embora não seja tarefa fácil, lecionar EC é *possível* e todos os dias é feito, em milhares de escolas, pelo mundo fora. Afinal, a literatura não é superior a artes como a música, pintura, escultura, cinema, etc. Não passa pela cabeça de um professor de composição musical, por exemplo, perguntar se consegue transmitir aos alunos técnicas para elaborar uma sonata. De igual modo, é possível ensinar aos poetas, romancistas, dramaturgos e guionistas estratégias para desenvolverem a vocação, melhorarem o estilo, a estrutura e o conteúdo, ajudando-os a concretizarem as ambições literárias. Afinal, a arte não é apenas talento, mas igualmente *técnica*.

Uma prova de que as técnicas de Escrita Criativa são passíveis de transmissão reside na continuidade desta área. Ao longo dos séculos, esta é praticada *fora* do contexto de um sistema educativo formal por inúmeros autores. Homens e mulheres de letras sempre debateram técnicas e estilos, partilharam leituras e reflexões acerca do misterioso, mas não incognoscível, ato de escrita. Nesta linha, os aprendizes pedem aos mestres ou figuras influentes conselhos através de cartas, ou reunindo-se em tertúlias, clubes, academias ou cafés.

Por outro lado, de modo *formal*, contistas e romancistas como Ernest Hemingway ou

William Faulkner frequentaram cursos, com imenso proveito para os seus leitores. Outros, como Raymond Carver ou Toni Morrison, vencedora do Prémio Nobel da Literatura em 1993, desenvolveram o talento graças ao apoio de docentes e colegas de EC.

#### 4. O que sucede numa oficina de EC?

Existem, essencialmente, dois tipos de cursos: o *generativo* e o *crítico*. No primeiro, o professor explica uma técnica, discute alguns exemplos com os estudantes, e sugere um exercício. No âmbito deste, são criados textos breves, como o parágrafo inicial de uma história, por exemplo. No final da aula, estes são comentados pelos colegas e professor, de forma construtiva (Morley 119).

No segundo tipo de oficina, de carácter crítico, os textos, mais extensos do que os produzidos numa oficina generativa, são feitos em casa, fotocopiados para que todos os colegas e o professor acedam a um exemplar, e lidos em voz alta — estratégia para melhor se apreciar o ritmo e a melodia. Na fase final da lição, um ou mais membros do grupo comentam o trabalho, e apresentam sugestões. Neste segundo tipo de oficina, o professor mantém uma presença discreta, pois os alunos são os verdadeiros criadores e críticos (Morley 120-121).

Em qualquer dos dois géneros de oficina, num ambiente de incentivo, mas também de crítica isenta, aprende-se:

- a) A desenvolver a imaginação e o talento do aprendiz de escritor;
- b) A aplicar melhor os recursos da língua, neste caso, a portuguesa (por isso mesmo, não fica bem dizer *workshop* nem *ateliê* de Escrita Criativa, designação que numerosos monitores, infelizmente, aplicam);
- c) A ler de forma mais competente, para procurar descobrir os mecanismos e técnicas usados pelo autor para produzir um determinado efeito.

Quando os cursos funcionam, há uma interação frutífera não apenas entre os estudantes, mas entre estes e o professor, num clima de aprendizagem mútua. Aconteceu até que, em várias das aulas que lecionei, os alunos traziam de casa, espontaneamente, textos com exemplos interessantes, recolhidos em vários livros, sugeriam exercícios a efetuar, ou questionavam-me acerca de outras técnicas.

Por vezes, estas oficinas de Escrita Criativa são organizadas com fins terapêuticos, para ajudar um grupo de estudantes a ultrapassar depressões, por exemplo. Embora não duvide da eficácia de cursos com este propósito, ponho em causa a qualidade dos textos literários aí produzidos. Um artista é como um atleta: para dar o seu melhor, tem de estar em forma, nos planos físico e mental. Quando um estudante se encontra a recuperar de alguma doença, as

capacidades criativas dificilmente estarão no auge. Nestas circunstâncias, como poderá elaborar um texto sem cair no sentimentalismo, na lágrima fácil e em todas as fragilidades que a espontaneidade implica?

### **5. Quem aprende e quem ensina Escrita Criativa?**

No nosso país, os interessados em frequentar oficinas são, regra geral, jovens que ambicionam escrever o primeiro romance, mergulhar nas águas da poesia, ou tornar-se guionistas. Esta última é uma atividade competitiva, mas que oferece algumas possibilidades de carreira, graças a várias produtoras de programas televisivos.

Para além destes escritores aprendizes, há ainda um vasto público, composto por amantes da literatura. Na maioria das vezes, estes não desejam enveredar pela escrita, pelo menos como profissão, mas somente descobrir os mecanismos complexos da criação literária. Afinal, tiramos mais proveito de uma obra literária quando, por exemplo, compreendemos como Matsuo Bashô concentra em três versos uma emoção; como Sophia Andresen cria personagens realistas; como Stephen King gera suspense; como Isabel Cristina Pires descreve paisagens imensas, usando quase apenas cores; como Stephenie Meyer constrói uma atmosfera gótica, etc.

Sabemos, portanto, quem são os destinatários dos cursos de Escrita Criativa: escritores aprendizes e amantes da literatura. E quem os ensina? Serão professores competentes, isto é, conhecedores da teoria e da terminologia específica associada à EC, dos métodos de ensino, do sistema específico para avaliar um trabalho literário? Sendo escritores, mesmo que pouco conhecidos, possuem também habilitações para a docência e a necessária preparação pedagógica? Estas questões são prementes e interessam tanto a quem deseje ministrar um curso nessa área como aos eventuais alunos.

Ao longo dos anos, o que observei no ensino da EC em Portugal, leva-me a sugerir, a quem orientar estas oficinas ou mesmo lecionar um curso mais longo, o seguinte:

- a) É necessário corrigir a maioria dos cursos de EC, demasiado práticos, introduzindo uma componente teórica abalizada;
  - b) Deve investir-se na formação de docentes de EC, devidamente habilitados;
  - c) É preciso incentivar o desenvolvimento de livros didáticos escritos por Portugueses.
- De facto, as obras nacionais que li ou são meros cadernos de exercícios, ou são Teoria da Literatura disfarçada de EC.

Trata-se de um projeto moroso, a desenvolver de forma responsável, para que, por fim, preenchamos uma grave lacuna nos nossos programas académicos. Só deste modo formaremos

uma nova geração de escritores, mais capaz e consciente da complexidade desse ato de amor que é o ato de escrever; de construir na mente e no coração do outro um mundo de mentiras alicerçado na verdade de cada dia.

## **6. Acerca deste livro**

A maioria dos capítulos da presente obra resulta tanto do que aprendi como autor de contos e poemas, como da minha experiência de lecionação de cursos e oficinas em Portugal (Universidade Católica Portuguesa, Universidade de Aveiro, Universidade de Évora), e na Polónia (Universidade de Varsóvia). Recordo também aqui as técnicas que aprendi com os meus professores de Escrita Criativa na Universidade de Luton (Jill Barker, Mark Lavelle e Keith Jebb), com as dezenas de manuais que consultei, e também com os meus alunos — uma fonte inesgotável de ideias.

Neste livro, o meu principal objetivo foi registar técnicas e exercícios básicos para que um aprendiz de escritor talentoso e com força de vontade os possa experimentar, sozinho ou no contexto de uma oficina de EC. Para além disso, desejei apresentar material pedagógico útil a quem pretender lecionar, com seriedade um curso, nesta área.

Em termos estruturais, sigo uma linha lógica: debato o conceito da EC; menciono as qualidades necessárias a um escritor; sugiro algumas técnicas para desbloquear a inspiração; analiso a arquitetura do enredo; apresento conselhos para construir personagens realistas; dou dicas para escrever diálogos naturais; exploro formas de criar uma atmosfera num texto; especulo sobre o futuro da EC, etc.

Note que o presente livro constitui apenas uma *introdução*, pelo que imenso ficou por dizer acerca da EC. Por isso, incentivo o leitor a pesquisar noutras obras técnicas, conselhos, exemplos e exercícios. Para tanto, sugiro, no último capítulo, uma série de manuais que talvez lhe interessem.

Tenha ainda em conta que esta obra apresenta os limites de qualquer manual, e não substitui, de modo algum, o retorno crítico de uma oficina. Assim, se o leitor tiver oportunidade, frequente um curso de EC na cidade onde reside. Para saber se valerá a pena, e se o docente é uma pessoa informada, contacte com ex-alunos da referida oficina, recolha opiniões, e leia com cuidado o programa do dito curso (se este não existir, é melhor evitá-lo e escolher outro).

Resta dizer que a criação literária constitui uma área antiga e inesgotável. É previsível, pois, que a viagem por esse universo magnífico coincida com uma vida inteira de aprendizagem. Afinal, no dizer de Ernest Hemingway, a escrita é uma área onde todos somos aprendizes e ninguém pode afirmar que é mestre.

## Bibliografia

- Lodge, David. *The Art of Fiction: Illustrated from Classic and Modern Texts*. London: Penguin, 1992.
- Mancelos, João de. "Um Pórtico para a Escrita Criativa". *Pontes & Vírgulas: Revista Municipal de Cultura*. Ano 2, n. 5 (Primavera de 2007): 14-15.
- Morley, David. *The Cambridge Introduction to Creative Writing*. Cambridge: Cambridge UP, 2007.
- Timbal-Duclaux, Louis. *Eu Escrevo Contos e Novelas: Guia Técnico de Escrita Criativa*. Trad. Helena Moura. Lisboa: Editorial Pergaminho, 1997.
- Vanderslice, Stephanie. "The Creative Writing MFA". *The Handbook of Creative Writing*. Ed. Steven Earnshaw. Edinburgh: Edinburgh UP, 2007. 37-41.
- Watts, Nigel. *Como Escrever um Romance e Conseguir Publicá-lo*. Trad. José Bóia. S. Pedro do Estoril: Edições Atena, 2000.

## Sinopse

Como desbloquear a inspiração? Como inventar heróis de papel e tinta? Como criar histórias de suspense, que deixam o leitor sem fôlego? Como descrever paisagens com realismo? Como viajar no tempo para escrever um romance histórico? Como criar diálogos naturais? Como agarrar o leitor da primeira à última página? Este livro sugere técnicas simples e exercícios úteis para quem deseja aventurar-se a escrever um livro.